

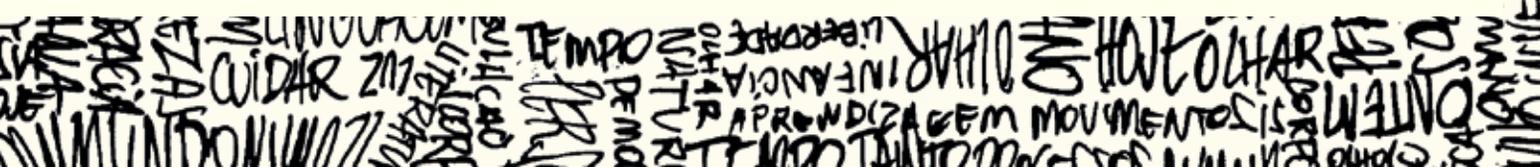


EXPOSIÇÃO-ATELIÊ - EDUCAÇÃO INFANTIL - 2019



VERA CRUZ

OLHAR PARA DENTRO OLHAR PARA FORA  
**MARAVILHAMENTO NAS APRENDIZAGENS**





DIREÇÃO GERAL **Heitor** Fecarotta  
DIREÇÃO DE GESTÃO **Marcelo** Chulam  
DIREÇÃO PEDAGÓGICA **Regina** Scarpa  
COORDENAÇÃO **Fabiana** Meirelles

CORPO TÉCNICO **Adriana "Nana"** S. Patarra **Ana Lucia** Moreira **Ana Paula** Carrascosa  
Vasco Gouvea **Ana Paula** Paz **Ana** Yonega **André "Tato"** Gimenes **Andrea** Jota **Beatriz**  
Cunha **Bete** Santos **Carol** Arvélos **Carolina** Kerr **Catarina** Nemet **Célio** Aparecido Gomes  
de Jesus **Cintia** Nagamine Gomes **Claudinha** Santos **Cleide** Terzi **Clélia** Cortez **Damiana**  
Martins Duarte **Dani** Dini **Daniela** Morita **Denise** Menezes Rocha **Elizabeth** Dória Scatolin  
**Elizabeth** Menezes **Fatima** Totti **Fernanda** Vignola **Flavia** M. A. Marcomini **Francisca**  
Teixeira **Hermelino** Neder **Ivani** Souza **Ivete** Fortunato de Oliveira **Joaquim** de Almeida  
**Jorge** Souza Azevedo **José** Cavalheiro **Juliana** Guimarães **Karina** Carneiro **Karina** Crespo  
**Lícia** Breim **Luara** Correa **Luciana** Cabral **Luz** Marina Espindola **Marcia** Triviño Moisés  
**Mariah** Campos Alves de Moraes **Mariana** Franco **Mariana** Isnard Carneiro **Marina**  
Colhado **Marina** Barsotti **Maviael** Severo de Freitas **Mildre** D'Albuquerque **Nataníel**  
Santos **Nathalia** Puccinelli **Nicolle** Massa **Nina** Scartezini **Patricia** Rafante Martins  
**Paula** Telles D'AJello **Priscila** Basile Priscila Sollito Cardozo **Rebeca** Mesquita **Rivania** do  
Nascimento Silva **Rosa** Gonçalves **Rose** da Silva **Rosilda** Maria de Carvalho **Rosilene** de  
Jesus Silva **Silene** Rodrigues de Souza **Silvia** Brecht **Silvia** Macul **Silvia** Zerbini **Simone**  
Spadotto Aiex **Sofia** Fontana Alves **Stela** Barbieri **Tania** Schandert **Tatiana** Bittencourt  
Vieira **Tatiane** Oliveira **Tchô** Rodrigues **Thais** Abrahão **Thaisy** Lomenso **Valdenice** Pereira  
da Silva **Vanessa** Almeida **Vera Lucia** Batista **Wilma** Ceconelli

OLHAR PARA DENTRO OLHAR PARA FORA  
**MARAVILHAMENTO NAS APRENDIZAGENS**

EXPOSIÇÃO-ATELIÊ - EDUCAÇÃO INFANTIL - 2019

# O QUE PENSAR DOS TÍTULOS DAS EXPOSIÇÕES?

EXPOSIÇÃO DE ARTES

ARTES E CIÊNCIAS

EXPOSIÇÃO COMO APRENDIZAGENS DE ADULTOS E CRIANÇAS

EXPOSIÇÃO COMO EXPERIÊNCIA/ATELIÊ

OLHAR PRA DENTRO OLHAR PRA FORA

**Elizabeth Dória Scatolin**

Os títulos revelam momentos iluminados da nossa reflexão sobre experiências na Escola, com as crianças, em busca da construção de um currículo que legitime a infância como um tempo íntegro (de respeito à sua potência) e de saúde mental. De carne e osso. De vida subjetiva, intimidades, desejos de vida, de conhecimento, segredos, cavernas, sonhos, projeções de vida. Conhecimento do mundo e de si.

Títulos como conectores de hipóteses e construção de conhecimento para a nossa ressignificação das concepções de aprendizagem e infância.

Cada título é validado por estar em rede, conectado; cada um deles carrega a si e ao outro.

Outramento, ou legitimação do outro, significa um pedido ético de reconhecimento da existência do outro.

Nossa condição de inacabamento aliada ao outro nos torna o humano que somos.

Aprender e pertencer dão vida ao humano.

Os títulos são as partes do TODO inacabado, em construção, e, assim, a cada tempo, em que os sentidos se entrecruzam ou as partes se juntam, eles se autopoetizam, profetizam, projetam. Transformam, produzindo o diferente, mas guardando a essência do compromisso em produzir integração/inteireza e acolher o novo, que cada infância traz. A exposição sempre será um dever de vidas — de Infâncias e de vidas de profissionais na Escola, as quais se atualizam e se comprometem com o novo para a humanidade.

Sempre será uma celebração de aprendizagens de adultos e crianças enquanto o projeto estiver vivo! A exposição como experiência/ateliê, um processo que é metáfora da própria ideia da escola, a qual supera a ideia de artes e ciências, de onde partimos — conservemos essa ideia de experiência/ateliê até que outras melhores a sucedam.

Olhar para dentro e para fora é o movimento que o humano faz, para nascer e viver. Como se estivessemos falando da própria respiração, ar que entra ar que sai.

Entra de fora, sai de dentro, entra de fora, sai de dentro, sai dentro para fora, vive de fora para dentro... Vixe! Misturou tudo. Sim, tudo junto e misturado. TUDO JUNTO E SEPARADO; DENTRO E FORA, pois o entre do ENTRE que existe no DENTRO E FORA é o nosso lugar/ESCOLA.

Nosso compromisso é dar lugar à possibilidade de novos mundos, por meio de uma metodologia que valoriza a construção de significados para o que se vive, a partir das diferenças que cada sujeito traz em diálogo com o outro. Atualizar mundos para as gerações que estão em um constante dever biográfico.

Um abraço carinhoso carregado do amor e das paixões que a vida corajosamente pede a cada um de nós!

**Elizabeth Dória Scatolin** é coordenadora da Educação Infantil e pesquisadora da abordagem educativa de Reggio Emilia. Está constantemente em diálogo com a rede italiana de educadores. Trabalha na Escola há mais de 40 anos.

# ARTE E PEDAGOGIA

**Fabiana Meirelles**

"O maravilhamento que surge das relações com o mundo e com o outro, durante os processos de investigação, é único e surpreendente. Ele revela aprendizagens inventivas que permearão nossa Exposição-Ateliê [...]"

Trecho do convite para a Exposição-Ateliê da Educação Infantil, de 2019

A arte, com todo seu impacto estético, convoca o humano a se relacionar com o mundo. Seja pela beleza, sensibilidade, força, estranhamento, a arte carrega em si a intenção de provocar o outro que, a partir disso, estabelece conexões. Dessa forma, a arte é fundamental para o processo de aprendizagem, entendido como conexões e atribuição de sentido. Conhecer é deixar-se afetar pelo que se vive no cotidiano, é desenvolver o olhar curioso, perguntador, desejoso de sentido. É acionar memória, experiências anteriores, conectar com o novo, com descobertas, com informações. É aprender a ler o mundo de forma inquieta e crítica. Conhecer-se a partir de sua relação com o outro. É sentir-se parte de um coletivo e responsabilizar-se por ele. A arte oportuniza experiências, integra aprendizagens e conecta os valores e princípios do projeto do Vera em uma rede que sustenta o cotidiano de adultos e crianças na escola. A arte é mola propulsora de ações investigativas e inventivas.

Nosso projeto é composto por educadores — pedagogos e artistas-atelieristas — que escutam as crianças e, no confronto de pontos de vista, constroem com elas os percursos de aprendizagens, dando lugar à subjetividade de cada uma. A humanidade produziu conhecimentos acerca das linguagens dos campos de conhecimentos que são constantemente atualizados pelas crianças na Escola, ao se relacionarem com eles.

A arte e o cotidiano da Escola são entremeados por linguagens expressivas e comunicativas que sustentam e promovem pensamentos. O desenho, a pintura, a modelagem, a dança, a música, o digital e o audiovisual, dentre outras linguagens, são vividos, de forma integrada, pelas crianças que perguntam e exploram o mundo pelas suas percepções e que, a todo momento, estabelecem relações.

Assim como a arte, a aprendizagem é um processo de criação! O processo tem valor, significação, questões e toma forma.

**Fabiana Meirelles** é coordenadora da Educação Infantil (G1 a G4) na Escola Vera Cruz. Já atuou como professora auxiliar, professora e orientadora na Escola. Participa do projeto das exposições de artes há 22 anos.

# **“O SOPRO ANIMA O BARRO DE NOSSO SER”**

**Stela Barbieri**

Dentro de nós, trazemos o sopro. Na infância, esse sopro anima nossa relação com todas as materialidades e perguntas; são nossas percepções, sentimentos e pensamentos.

Nas experiências das crianças, a ação e o pensamento são indissociáveis e, para elas, o olhar com as mãos é a possibilidade legítima de conhecer o mundo.

O convite à experiência é, desde o início, o propósito da exposição de artes no Vera Cruz, que se transformou em Exposição-Ateliê.

A partilha do vivido, relacionando a questão investigada em cada grupo de crianças com a possibilidade da coparticipação das famílias na exposição, foi uma construção que se deu aos poucos.

Em nossos aprendizados dentro da comunidade escolar, percebemos que pensamento e ação estão juntos. A força da pergunta e do encantamento, bem como a persistência em ouvirmos as crianças e escutarmos uns aos outros, fez com que, a cada edição, a exposição ganhasse uma face nova, pois as urgências do momento pedem materialidades e estética à altura de problemas a serem enfrentados.

A cada ano, aproximamos, mais e mais, a Exposição-Ateliê do dia a dia escolar, e a Escola, do dia a dia das crianças e seu universo mais íntimo.

No universo das crianças, existem mundos e possibilidades perceptíveis na riqueza da simplicidade, os quais nos convocam a olharmos o mundo a nossa volta, ao mesmo tempo que enxergamos nossas percepções, memórias, ideias e processos imaginativos internos.

Também observamos que os movimentos das crianças se relacionam com o mistério que mora em cada coisa; e que, curiosas, elas olham para as questões investigadas considerando as conexões que fazem.

As metáforas desses meninos e meninas fizeram um conto de Graciliano Ramos emergir em nossas mentes, inspirando nosso cotidiano ao considerarmos um olhar para dentro e outro para fora. No conto "O olho torto de Alexandre", do livro *Histórias de Alexandre*, o personagem perde um dos olhos lutando com uma onça. Ao recolocá-lo, fica com um olho voltado para dentro e outro para fora. Quando acerta a posição do olho invertido, passa a enxergar melhor do que antes.

Nosso propósito, com essas Exposições-Ateliês, foi sustentar a ebulição das aprendizagens das crianças, sempre buscando transmitir, com muito respeito e compromisso, a alegria e vigor que elas expressam na vida.

**Stela Barbieri** é artista plástica e consultora nas áreas de Educação e Artes, além de autora de livros infantis e contadora de histórias. Assessora de Artes Plásticas na Escola Vera Cruz há 25 anos.

G1 e G2

## CORPO NO MUNDO, MUNDO NO CORPO

A relação das crianças  
com a natureza





# G1

## PROFESSORAS

Fernanda Vignola e Sofia Fontana Alves

## AUXILIAR DE GRUPO

Valdenice Pereira da Silva

## ORIENTADORAS

Clélia Cortez e Sílvia Macul

## ATELIERISTA

Dani Dini

# As perspectivas do olhar e suas sutilezas

"[...] Ser capaz de olhar o que não se olha, mas que merece ser olhado: as pequenas, as minúsculas coisas [...] esse micromundo onde eu acredito que se alimenta de verdade a grandeza do universo. Ao mesmo tempo que sejamos capazes de contemplar o universo através do buraco da fechadura — ou seja, a partir das pequenas coisas é possível olhar os grandes mistérios da vida."

**Eduardo Galeano**

## *Olha, achei uma formiga!* **Manuela**

A criança pequena encontra maneiras de olhar e conhecer o mundo. A partir de suas descobertas, constrói sentidos, inventa narrativas e investiga o que encontra pelo caminho, como folhas, flores, frutas, pedras e bichos.

Seu corpo se ajusta conforme sua intenção: aponta com o dedo, se encolhe ao observar uma pequena formiga ou se expande para olhar uma grande árvore — diferentes gestos que nos convidam a olhar e revelam suas indagações.

Lupas, cones e, por vezes, suas próprias mãos se transformaram em frestas para brincar e investigar.

Por essas frestas, janelas se abriram para novos conhecimentos.

As jabuticabas chamaram atenção de Beni, que as observou com curiosidade. Curvou seu corpo para ver melhor e pisou na pequena fruta para investigar o que tinha dentro, a consistência, suas marcas, cores...

Esse vestígio no chão o convocou a olhar para cima; moveu seu corpo inteiro para conseguir observar bem alto e ajustou o olhar com a nova luminosidade. Estabeleceu uma relação entre a jabuticaba que encontrou no chão e o seu lugar de origem — a jabuticabeira.



## Experiência da exposição



Os mesmos corpos encurvados e esticados, vistos durante as pesquisas das crianças, estiveram novamente presentes no dia da exposição: sentidos ativados em busca de experiências inéditas. Olhares para as frestas iluminadas no chão e, mais uma vez, corpos em movimentos de expansão e recolhimento para apreciar as pequenas coisas, contemplar o ciclo da jabuticabeira registrado em grandes painéis, ver o periquito no vídeo, se alimentando dos frutos que a natureza oferta em seu ciclo de vida.

Nesse dia, um bonito encontro foi presenciado. Com a lupa em mãos e curiosidade, cada visitante — adultos e crianças — pôde brincar e descobrir as perspectivas do olhar e suas sutilezas.



# G1

## PROFESSORAS

Mariana Franco e Ana Paula Paz

## AUXILIAR DE GRUPO

Valdenice Pereira da Silva

## ORIENTADORA

Carolina Kerr

## ATELIERISTA

Dani Dini

## Corpos em contemplação

São muitas as possibilidades de afeto na relação com as naturezas. Durante o semestre, fomos convidados, pelas crianças, a adentrar outras camadas do nosso olhar, ao nos relacionarmos com aspectos do micro e do macrouniverso.

Num fim de tarde, Bela, concentrada, nos convidava, com seu corpo, a olhar para um novo lugar. Para onde? O que Bela olhava?

Ao aceitarmos seu convite, deparamos com o sol. Seguimos os olhares atentos e curiosos das crianças e dividimos, com elas, o que observavam e como se entregavam às experiências com a natureza, seus fenômenos e mistérios.

O olhar das crianças do Grupo 1 transbordou para todo o corpo, e outros sentidos se fizeram presentes. Olhar o sol e sentir sua temperatura na pele; olhar a chuva e experimentar seu gosto; olhar a folha de hortelã e sentir seu cheiro. Enquanto compartilhamos esses experimentos com elas, ampliamos as formas de conhecermos o mundo.

Para isso, dedicamos às experiências um novo tipo de olhar. Olhar que pede tempo, espera e cuidado. Olhares que modificaram o entorno e que foram modificados a cada nova experiência. Que pediram a esses pequenos corpos que se ajustassem para apreciarem e se entregarem ao prazer de contemplar as grandes e pequenas maravilhas que nos cercam. São vivências cotidianas e rotineiras que também convocaram nosso olhar adulto a ver o mundo de outra forma.



## Experiência da exposição



Muitas foram as ações no diálogo com a instalação, em encontros que vivemos com a chuva, com as formigas e com as minhocas. Assim, braços voaram como as asas dos pássaros, pés correram ao encontro da chuva — “vou molhar o pé” — e crianças se esconderam nas casinhas. Para além do corpo que se expressava, o encantamento com aquilo que se vivia, ouvia e via, e as possibilidades de novas experiências de afeto e encontro com as naturezas.



# G2

## PROFESSORAS

Ana Paula C. V. Gouvea e Daniela Morita

## AUXILIAR DE GRUPO

Vera Lúcia Batista

## ORIENTADORA

Clélia Cortez

## ATELIERISTA

Dani Dini

# Ipê: uma experiência multissensorial

*Tá virando uma passagem, vai para o céu. Uma passagem de flores. Está ficando uma árvore, olha só! Uma passagem por onde passam as cores. A cor encontra uma flor amarela e diz: essa flor está estranha, ela se mexe! Essa cor também vai se mexer! Será que foi o monstro? Será que foi mágica? É um mistério. **Carolina***

A experiência de Carol com a pintura lhe trouxe a memória do que viveu e sentiu, uma nova possibilidade de conexão com o ipê.

Ao pintar e narrar suas experiências, as marcas no papel imprimem os sentidos do que foi vivido. Seu corpo se movimenta, assim como a flor balança, na árvore. O pincel percorre o papel, traçando os galhos — o que ela nomeou como passagens.

Carol vê o ipê como um sistema integrado em movimento, no qual os galhos são passagens e propiciam o encontro entre cores e flores.

Ao pintar o ipê, ela aciona o imaginário e se surpreende com os próprios traços: sorri, dança, pula e vibra ao narrar sua composição.

A experiência de Carol revela um modo de aprender em que a imaginação e a criação de teorias provisórias impulsionam o encontro com o desconhecido: "o mistério!".

Este é um processo que envolve a multissensorialidade — o corpo inteiro, com todos seus sentidos — na construção de um conhecimento que não se encerra em si mesmo.



## Experiência da exposição



Uma singela instalação com tecido, música e projeção convida para o encontro: "Vamos virar uma flor?"

A cada convite aceito pelas famílias, o cenário se transforma, ganha vida na relação com o tecido, material muito simples e rico de possibilidades. Os tecidos criam elos entre quem vive e contempla os rastros desenhados por eles no ar, sobre o florido chão amarelo. Convidam a viver um encontro que aflora a imaginação, a criação e o brincar.



## PROFESSORAS

Patrícia R. Martins e Catarina Nemet

## AUXILIAR DE GRUPO

Ivete Fortunato

## ORIENTADORA

Clélia Cortez

## ATELIERISTA

Dani Dini

# Quem olha quem?

## Investigação das miudezas

*Uma vez, eu vi uma formiga que não estava mais lá. Carolina*

A fala de Carolina expressa essa relação com o *efêmero*; um saber de seus breves encontros (e desencontros) com as formigas.

A procura por pequenos insetos possibilitou a exploração de um microcosmo dentro e fora da Escola — um grande contexto de aprendizagens das crianças e dos adultos do Grupo 2.

O ato de observar as miudezas nos convocou a outro estado de presença. O tempo prolongado para olhar, tocar, imaginar e construir sentidos fez parte desse processo de descobertas. As experiências vividas coletivamente percorreram caminhos nos quais, a cada acontecimento, as hipóteses e surpresas das crianças e dos adultos se entrecruzaram.

Um olhar atento para o caminhar das formigas, na mureta da jardineira, fez Carolina levantar hipóteses quando o pequeno inseto se aproximou da beirada: “ela vai cair, ela vai cair”; “Nunca, nunca achei uma formiga que carrega tanta, tanta folha!”

Essas narrativas, marcadas pela repetição das palavras, nos revela algo precioso sobre o pensamento de Carolina: seu olhar para o inédito e sua percepção das proporções e da reciprocidade — seu próprio corpo, a formiga, a folha. Ela parece se perguntar como a formiga pode carregar algo tão grande para seu tamanho; uma pergunta que emerge de um olhar atento para o mundo e que busca estabelecer uma relação empática com o pequeno inseto.

Uma relação empática com a vida.



## Experiência da exposição



Assim como na experiência cotidiana vivida pelas crianças na investigação da natureza, a perspectiva digital ampliou o olhar e convocou o corpo e a imaginação de quem visitou nossa sala na exposição.

Foi bonito ver que, na relação com a projeção em suportes tridimensionais, crianças e adultos construíram narrativas e sentidos únicos nas brincadeiras de voar e de se esconder da chuva, e com projeções de grandes insetos no corpo.



# G2

## PROFESSORAS

Silvia Brecht e Nicolle Massa

## AUXILIAR DE GRUPO

Ana Lúcia Moreira

## ORIENTADORA

Carolina Kerr

## ATELIERISTA

Dani Dini

# O que tem dentro do buraco?

## Quem fez o buraco?

A curiosidade que nasce em uma criança se espalha e contagia a todos. Ações carregadas de sentido que nos mostram um pensar que vai além de ver e saber sobre o buraco da árvore, algo desconhecido. O mistério causado por aquilo que vejo, que não vejo e que posso ver mesmo que não exista; que eu posso inventar.

Olhar, tocar, falar, ouvir, cutucar, pensar.

Em cada toque, uma surpresa; em cada olhar, uma indagação.

Pensar com as mãos.

Perguntar com os olhos.

Concluir com um sorriso.

Um corpo que se comunica, se expressa e compartilha pensamentos por meio de gestos, palavras ou atitudes capazes de revelarem seu envolvimento ao longo de toda a investigação.

Ao deparar com a dimensão da árvore e suas raízes, que se esparramam pelo chão, Isabel vivencia, com o corpo, a experiência. Nessa relação complexa, abre espaço para a invenção de uma metáfora.

Jogar pedras dentro de alguns buracos foi a forma que Joaquim encontrou para se relacionar com eles; investigar sobre sua profundidade: o que cabe dentro deles, quem mora lá ou quem fez o buraco. Essa ação convida Helena e outras crianças a compartilharem a experiência de uma nova forma.



## Experiência da exposição



O passo cuidadoso, ao entrar em uma experiência multissensorial, foi o que mais chamou atenção. Comentários sobre o cheiro, a quantidade de folhas e os sentimentos desencadeados por aquela experiência foram diversos e surpreendentes:

*Que cheirinho de infância,* falou uma mãe.

*Isso é muito assustador,* opinou uma criança.

A experiência de cada um foi única. Procuraram passarinhos e buracos e se equilibraram nos troncos. A transição do dia para a noite acionou o mistério que existe dentro de nós.



# G2

## PROFESSORAS

Juliana Guimarães e Mariah Moraes

## AUXILIAR DE GRUPO

Ana Lúcia Moreira

## ORIENTADORA

Carolina Kerr

## ATELIERISTA

Dani Dini

## E, na Escola, uma “floresta”

*É lá onde os Porquinhos vão encontrar o Lobo. Na floresta de verdade não tem piratas, nem monstros. Arthur*

*Tem só umas quatro árvores, aqui. São iguais. Não tem mais nada. Tem areia, parece praia, mas não é praia. Na floresta tem Lobo. Maria*

*Não, Maricota! É de verdade. Só tem árvores, não tem nenhum Lobo! Eu acho... Bibi*

A floresta, aquela habitada pelo Lobo, pelos Porquinhos, destino dos caminhos construídos nas brincadeiras, planejada e sonhada por todos, é, também, lugar onde as crianças vivem a relação entre o real e o imaginário. Cada passo dado nas fabulações é alimentado pelas experiências individuais, pela literatura e pela relação entre o eu, o outro e a floresta.

A projeção na sala, o espaço da Escola e o passeio no parque foram contextos que potencializaram a criação de uma paisagem nunca vista. A cada nova experiência, outros sentidos eram construídos — e uma diferente floresta era tecida por fabulações fantásticas, expressadas por corpos vivos, pulsantes e atentos.

Nessa floresta de imensidões diversas, as crianças se espantam diante de insetos minúsculos, ampliados em projeções. Elas vão e vêm pela sala, correm, gritam e sorriem, como se brincassem de sentir medo. Reconhecem, se identificam, ajustam o corpo para fazerem parte da natureza, do inseto — para serem insetos? Os pés ficam ali, na beira, quase tocando a imagem. Há uma fronteira invisível entre o real e o imaginário, assim como as projeções e os corpos.



## Experiência da exposição



Em meio à exposição, havia um refúgio.

Uma floresta no interior da Escola. Cheiros, clima, escuridão e sons que afetavam a todos que atravessassem aquele portal.

Na floresta, a possibilidade de se conectar com as naturezas é tão genuína que as pessoas voltavam, muitas vezes, para reviverem a experiência. Como se, a cada retorno, fosse possível abocanharem um pouco mais da floresta, encontrarem algo ainda não visto, viverem os mistérios da mata, criarem mais histórias, se encorajarem. Afeto e sentido vivenciados por adultos e crianças.



## PROFESSORAS

Sílvia Zerbini e Tatiana B. Vieira

## AUXILIAR DE GRUPO

Ivete Fortunato

## ORIENTADORA

Clélia Cortez

## ATELIERISTA

Dani Dini

# Mistério: a força da invenção

Uma praça, mil possibilidades.

Uma criança se esconde e seus colegas saem à sua procura.

Caminham até a grande árvore, que lhes parece um bom esconderijo.

A árvore, chama a atenção por seu tamanho e pelas surpresas que guarda em seu tronco e seus galhos.

A criança escondida grita: *Estou aqui!*

As que a procuram se aproximam do tronco.

Não acham o amigo, mas deparam com algo que as deixa muito intrigadas:

*É uma caverna!* **Nuno**

*É uma caverna de buraco. É um buraco de galho!* **Artur**

*Tem um lobo lá!* **Bernardo**

A entrada é estreita, o chão instável, o teto muito alto. Ao explorar o ambiente, as crianças contorcem o corpo, se abaixam, se esticam, tentam manter o equilíbrio. A pouca luz faz com que arregalem os olhos, os barulhos do vento e dos insetos aguçam seus ouvidos, o friozinho acaricia a pele quente do sol.

Quem será que mora nessa caverna?

Na Escola, a conversa continua e se amplia no debate entre os diferentes pontos de vista. Por meio do desenho, a caverna ganha outras perspectivas. Numa produção coletiva, traços intensos dão vida a lobos, vampiros e bruxas, criando uma atmosfera assustadora. Na tentativa de lidar com o próprio medo, uma criança desenha um coração e inaugura novas possibilidades de criação.

O conhecimento que as crianças têm sobre a natureza se mistura à fantasia e às experiências de cada uma. Assim, a caverna nos dá a oportunidade de pensarmos sobre mistério, medo, coragem, parceria e crescimento.



## Experiência da exposição



*Aqui é o Ateliê?*, perguntou uma criança ao atravessar a porta. Ela arregalou os olhos e se surpreendeu ao perceber que entrou numa floresta.

Outras pessoas também entraram e comentaram: *Que cheiro bom! Cheiro de mato!; Escute a floresta...; e Que geladinho aqui dentro!*

As pessoas se movimentam com calma e atenção. Descobrem plantas, sementes, pedrinhas, ninhos, troncos e galhos onde podem se sentar e descansar.

De repente, a luz do dia dá lugar ao escuro da noite.

Alguém observa: *Escuro na floresta é difícil...*

À noite, a floresta tem outras cores, outros sons, outros cheiros.

*Estou sentindo cheiro de lobo*, disse uma criança que buscou um colo para se aninhar.



## G2

### PROFESSORAS

Thaisy Lomenso e Marina Barsotti

### AUXILIAR DE GRUPO

Vera Lúcia Batista

### ORIENTADORA

Carolina Kerr

### ATELIERISTA

Dani Dini

# “Frutanha”: um estado de ser

## O mistério como ação de “curiosear” o mundo

Pequenos processos de transformação da vida evocam mistério e despertam a curiosidade sobre o que era e não é mais; o vir a ser; o que acontece e eu não vejo.

*Elas não são mais iguais. Essas são bebês. Essas não são mais bebês, elas estão gordinhas. Essa (outra) é velha. Os espinhos caem. Elas são alegres, carinhosas. Eu acho que a gente precisa cuidar delas. Elas estão crescendo!* **Guilherme**

O ato de observar, cotidianamente, as mudanças dessa árvore, ativa e sustenta as percepções do movimento entre o visível e o invisível.

*Eu acho que já tá “frutanha”, pronta pra dar laranjinhas.* **Guilherme**

“Frutanha” é a expressão criada por Guilherme para o estado da jabuticabeira pronta para dar frutos.

A espera pela jabuticaba cria expectativa. A invenção dessa palavra é uma celebração do tempo da experiência.



## Experiência da exposição



### **Viver a natureza e suas dimensões**

A instalação convida para um passeio entre as macro e as microdimensões. Impacto e delicadeza marcam essa experiência. Adultos e crianças brincam de "curiosear" e espantam-se. Dentre as grandes imagens e as fendas das caixas, abre-se um campo para construir redes de conexões; nessa teia, as pessoas se relacionam com a transformação e o tempo. O mistério sustenta a relação com a natureza.



G3

## NARRATIVAS NA INFÂNCIA

A invenção  
de personagens  
na fabulação  
das crianças



"Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde a sua origem. As gravações em pedra nos tempos da caverna, por exemplo, são narrações."

Cândida Vilares Gancho

Desde sempre, trazemos a narrativa em nós. As crianças, ao se relacionarem com o outro, com o mundo e consigo mesmas, expressam suas narrativas, e estas, muitas vezes, são carregadas de fabulações, nas quais imaginam, criam conexões, modificam e inventam mundos, dando novos sentidos para o que existe em nossa cultura.

Ao fabularem histórias, inventam, tornam os personagens seres responsáveis por seu enredo. Assim, nos debruçamos sobre uma investigação a respeito do **processo de personificação dos personagens**, experiência vivida intensamente pelas crianças da faixa etária do Grupo 3.

Em nossa investigação, criamos diferentes contextos com a intenção de levar as crianças a se relacionarem com problemas que dizem respeito à vida que criam para os personagens de suas fabulações, oportunizando invenção e expressão por meio de diferentes linguagens.



# G3

## PROFESSORAS

Andréa Jota e Rebeca Mesquita

## AUXILIAR DE GRUPO

Damiana Martins Duarte

## ORIENTADORA

Luciana Cabral

## ATELIERISTA

Joaquim de Almeida

## Os Lobos de cada um

No 2º semestre de 2019, nos propusemos a investigar como as crianças lidam com um personagem tão conhecido e presente em suas vidas: o Lobo. Um fascínio demonstrado por elas desde o começo do ano passou também a nos fascinar, ao vermos as diversas maneiras de fabulação desse personagem, caracterizado por formas inéditas e singulares.

Como é o meu Lobo? Meu Lobo é igual ao seu Lobo? Meu Lobo é igual ao Lobo das histórias que eu conheço? Como é o nosso Lobo?

A princípio, as crianças demonstraram interesse em enfrentarem esse Lobo, tão temido por elas. Para isso, utilizaram diversos recursos: inicialmente, a força de sua voz, de seu corpo e muitas comidinhas para queimá-lo. Foi então que a construção de diversas armadilhas ganhou força na relação que estabeleciam com o personagem. Nessa relação, as crianças criavam maneiras de enfraquecer o Lobo, tornando-se fortes e potentes para combatê-lo.

Ao se relacionarem com a linguagem gráfica, elas pensaram em maneiras de representá-lo, materializando o Lobo que mora dentro de cada uma delas.

Com o tempo, alguns outros Lobos surgiram, criados pela imaginação das crianças, próximos daquilo que conhecem e vivenciam, e, muitas vezes, refletindo características de si mesmas. Dessa forma, surgiram alguns Lobos mal-educados, desobedientes, que usam celular, andam de táxi, tomam vacina, Lobos bonzinhos, que têm família, moram em uma casa etc.

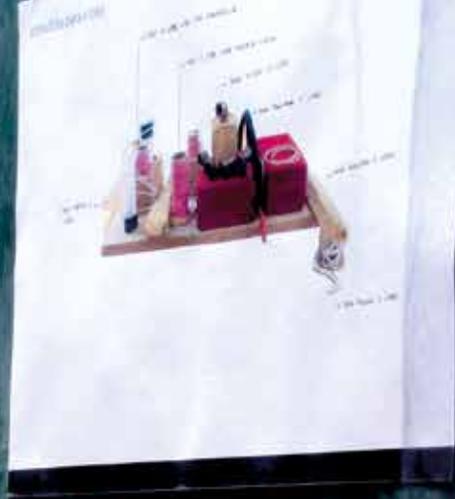
Quais Lobos moram dentro de você?



## Experiência da exposição



Ficamos encantados ao vermos o envolvimento de nossos alunos no dia da exposição. Como estavam apropriados ao contarem aos pais o que viveram durante os muitos encontros que tiveram com o Lobo! Também percebemos que instalações sobre outras paisagens “conversavam” com a nossa, o que nos transmitiu a ideia de que o interesse das crianças se manteve contínuo durante a visita, quando cada grupo entrou em contato com uma nova camada. De modo geral, para nós, as expressões das crianças evidenciaram-se em diferentes linguagens.



# G3

## PROFESSORAS

Fátima Totti e Luara Correa

## AUXILIAR DE GRUPO

Rosa Gonçalves

## ORIENTADORA

Luciana Cabral

## ATELIERISTA

Joaquim de Almeida

## Dando vida a bruxas e dragões

O processo de personificação se dá no encontro das múltiplas linguagens que dialogam com o imaginário. As crianças exprimem seus pensamentos pelas escolhas de suas fantasias, pelas expressões que transformam seus rostos e nos detalhes que trazem a concretude de sua imaginação. Tampas de canetas viram unhas compridas e afiadas, as cores escuras dos tecidos exibem a força do sombrio. Os gestos corporais mostram que estão prontas para o embate, e os sons tenebrosos que emitem revelam suas gargalhadas e rugidos.

Sustentadas pela criação de personagens, as crianças do Grupo 3 dão vida a seus próprios dragões e bruxas. Ao depararem com os aspectos mágicos dessas criaturas, brincam com a possibilidade de serem o que desejam. Diante do perigo e do medo, a realidade e a fantasia entram em jogo na relação entre personagens e fabulações.

Pela linguagem gráfica, buscam recursos para comporem o cenário de suas histórias inventadas. Um papel circular se torna um caldeirão cheio de poções capazes de derrotar os dragões. Ao mesmo tempo, diante do perigo, desenham lanças, que ganham vida e são arremessadas para fora do papel.

Elisa recorre à ilustração para combater os dragões. Olha o papel ondulado para fazer uma prisão e prendê-los, mas, na relação com a materialidade, faz uma casa de bruxa e um caldeirão. Ela dá vida a sua casa, ao desenhar uma chaminé, um sapo e uma garagem para o carro. Sua bruxa parece se relacionar com um personagem moderno.

*As bruxas não têm coração, mas as bruxas conseguem ver o coração dos humanos.* **Nina Ohta**

*Os dragões estão chegando!* **João**

*Vamos fazer a sopa e jogar no dragão?* **Nina Jorge**

*Eu acho que eu virei um dragão-menina. Eu sou malvada. Eu jogo fogo!* **Isabela**



## Experiência da exposição



### Habitar a imaginação

O lugar sombrio remetia a algo assustador. Encontrar objetos de bruxas, ouvir gargalhadas e rugidos de dragões, sentir o cheiro da sopa de flores ou da poção gosmenta, encontrar objetos inusitados, como um aspirador de pó que servia como meio de transporte de bruxa, dentre outras curiosidades, afetou e provocou crianças e adultos, levando-os a um lugar imaginário, sem fronteiras. Nele, tudo podia acontecer, tanto a magia como os poderes ameaçadores em diálogo com o bem e o mal. Mundo lúdico que oferece a dualidade para ser pesquisada e ressignificada em uma cultura da infância.



## PROFESSORES

Mariana Isnard Carneiro e Tchô Rodrigues

## AUXILIAR DE GRUPO

Denise Menezes Rocha

## ORIENTADORA

Marcia Triviño Moisés

## ATELIERISTA

Joaquim de Almeida

# Personagens que se fazem no caminho

Todos os dias, as fabulações acontecem no caminho para o baile. Um percurso povoado por dinossauros, carros Uber, “ninjas-cobras” do mal... As crianças dão vida aos personagens e criam mundos.

Personagens e ideias se relacionam a partir de diferentes pontos de vista, e o universo imaginário das crianças gera inovações a todo instante. Uma ideia inicial pode tomar caminhos inusitados em poucos segundos. Crianças (e adultos) se relacionam com fragmentos subjetivos do outro e, nesse contato, ao viverem intensamente um conto, inventam muitos pontos.

A fabulação, que começa no ato do brincar, continua na associação de diferentes linguagens, como a gráfica e a oralidade, que apresentam novas conexões.

Isabela, Lina e Ana estavam juntas na brincadeira e, aparentemente, em um mesmo percurso. Porém, ao exprimirem a experiência vivida por meio do desenho, cada uma expressou sua subjetividade de maneira singular e inventiva. Quando as três se reencontram e confrontam suas versões com o grupo, o inesperado acontece! O improvisado ganha lugar, e um novo caminho é percorrido entre as diferentes histórias e, assim, constrói-se uma só narrativa, que não é a união das fabulações singulares de cada uma, mas revela os afetos que ocorreram na relação entre elas.

*Eu não encontrei o baile. Lina*

*Eu encontrei o baile. Isabela*

*Eu fui até a Isa e encontrei o baile com ela. Vocês viram a bruxa e seguiram por outro caminho, por isso não encontraram o baile. Ana*

*É, só eu e a Ana fomos pelo caminho do baile. Isabela*



*No caminho, eu peguei um pouco de areia mágica, ela me ajudou a encontrar o baile. Não tinha ninguém no baile, só eu. Eu dancei em cima dos doces. As outras princesas não encontraram o caminho porque eu usei toda a areia mágica. Isabela*



*A gente não encontrou o baile. A gente era princesa. A gente foi em um lugar, mas não encontramos o caminho... Tinha o caminho da floresta... A gente estava voltando para ir por outro caminho e apareceu uma bruxa. Ela era invisível. Ana*

## Experiência da exposição



Ao encontrarem nosso camarim repleto de fitas coloridas, as crianças e suas famílias se arriscaram a atravessá-lo e, ao fazerem isso, se viram atravessados por ele. Lá dentro, realidade e ficção deram cores aos corpos e diferentes entonações às vozes. Marcados pela experiência, crianças e adultos se transformavam e resignificavam suas próprias identidades, com o mesmo brilho nos olhos que as crianças do Grupo 3 tinham enquanto viviam suas transformações em nossa investigação.



## G3

### PROFESSORAS

Nathália Puccinelli e Sofia F. Alves

### AUXILIAR DE GRUPO

Denise Menezes Rocha

### ORIENTADORA

Luciana Cabral

### ATELIERISTA

Joaquim de Almeida

# Arquiteturas para brincar: construtividade, fabulação, personagens

As crianças inventam, organizam e materializam histórias. Criam personagens e dão vida ao que antes era inanimado.

Ao se relacionarem com os objetos construídos, nosso grupo cria narrativas que entrelaçam o real e o imaginário, e transpõem o cenário da brincadeira.

A construção, pouco a pouco, vai ganhando novos sentidos, além de variadas e mutáveis possibilidades.

Assumindo a condução do voo, a “pilota” Bruna é guardiã do mapa que direciona o caminho. Ao dar vida a esse personagem, ela cria um desenho repleto de imaginação, e o traz para a brincadeira. Bruna reúne diferentes linguagens: oral, corporal, gráfica e a construtividade, e parece ter o papel de convocar sua “tripulação” ao voo.

*Bruna, por que você não está dirigindo?* **Victor**

*Eu tava ali porque tinha buraco.* **Bruna**

Ao fazer essa pergunta a Bruna, Victor aparenta se preocupar com a ausência da “pilota”. Bruna responde se mantendo em sua personificação de “pilota”, atenta não só ao voo, mas também à manutenção da aeronave — que entende ser de sua responsabilidade.

O grupo parece estar mergulhado em sua fabulação, cada qual na relação com seu personagem.



## Experiência da exposição



O ato de fabular foi o elo de encontros entre adultos e crianças ao longo do dia. Essa ação, tão genuína, foi materializada pelas viagens e voos criados pelos mais diversos ocupantes do avião e do helicóptero, que ganharam vida por meio da imaginação e das narrativas criadas durante as brincadeiras.

*"Fabular é preciso, faz parte da natureza humana, fabular é um modo de ser que acorda em cada um de nós o apelo ao sonho, a necessidade da fantasia, a vivência da imaginação."*

**Jorge Miguel Marinho**



# G3

## PROFESSORAS

Simone Spadotto Aiex e Luara Correa

## AUXILIAR DE GRUPO

Rosa Gonçalves

## ORIENTADORA

Marcia Triviño Moisés

## ATELIERISTA

Joaquim de Almeida

## Sobre voos

“Voar é o que me põe de pé.”

**Marcelino Freire**

O desejo de criar e brincar com aviões onde caibam todas as crianças, que as levem para os mais diversos lugares do mundo e para outros planetas, tem provocado o nosso grupo a imaginar novas máquinas, corpos e... personagens. Os aviões se tornam, portanto, cada vez mais complexos. Máquinas vivas de voar surgem em suas invenções.

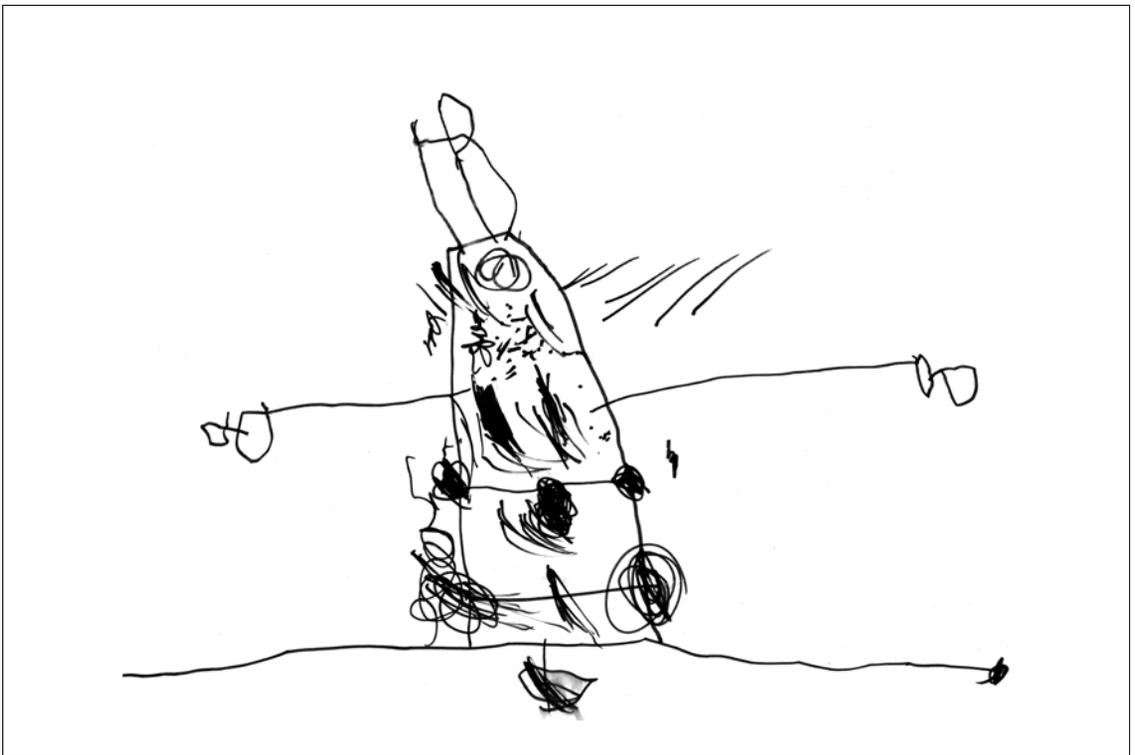
Durante as viagens, as crianças têm imaginado muitas possibilidades para esses aviões.

As asas “podem ser moles”, os aviões têm botões “espaciais”, “coisas de trator”, “cadeiras de argola com cinto de segurança” e carros são catapultados para os céus. Tudo é transformado em instantes de imaginação.

Na relação entre as linguagens (fala, corpo e desenho), a fantasia, o pensamento e o personagem tornam-se um só. João inventa seu avião. O avião inventa João — “Joãoavião” com rodas, que viaja como carro.

Os aviões foram ganhando vida, cores, sentimentos, características mágicas e funcionais capazes de solucionarem problemas criados pela própria fabulação das crianças.

De diferentes maneiras, elas vêm compartilhando ideias com detalhes reais e sonhados. O voo deixou de ser algo distante e inacessível ao humano, e passou a ser vivido e criado pelo grupo.



## Experiência da exposição



### Dançar com o vento

Ao depararem com a instalação, adultos e crianças criaram voos singulares. O vento, tão presente nas pesquisas das crianças, possibilitou novos encontros. Mais uma vez, dançaram, voaram e transformaram os tecidos em extensão de seus próprios corpos. O voo deixou de ser algo distante e inacessível ao ser humano, e passou a ser vivido e inventado por eles, deixando no ar rastros de seus afetos.



## G3

### PROFESSORAS

Thais Abrahão e Tania Schandert

### AUXILIAR DE GRUPO

Damiana Martins Duarte

### ORIENTADORA

Luciana Cabral

### ATELIERISTA

Joaquim de Almeida

# Floresta: frestas na imaginação

A partir das florestas que as crianças carregavam em sua imaginação, e que compartilharam em pequenos grupos, iniciamos nossa investigação sobre a fabulação e a personificação de personagens.

Com a intenção de que elas pudessem dar vida a seus imaginários, organizamos o espaço da sala, para que se expressassem por diferentes linguagens.

A maleabilidade, as cores e a transparência dos tecidos selecionados deram vigor à experiência vivida pelas crianças, ao personificarem os personagens escolhidos para representarem. O voal, usado como segunda pele, possibilitou que todo o corpo fosse envolvido, e garantiu mais liberdade de movimentos. Com a translucidez, essa materialidade gerou uma intersecção interessante entre as identidades de quem se é e o personagem que se quer ser. Provocada pela projeção de floresta, Cecília é a única que decide ser uma árvore, e não um bicho. Esse movimento inesperado reúne o grupo em torno de um mesmo enredo.

Para dar vida ao seu personagem, ela anuncia, oralmente, o seu papel e usa o corpo e seus movimentos para expressar os diferentes estados da árvore.

Ao perder água, Cecília, lentamente, vai se dobrando. É interessante notar que, da cintura para baixo, ela se mantém fincada ao chão, como as raízes e o tronco. Já a parte superior do corpo procura representar os galhos e folhas, que murcham.

Sensibilizadas com a situação, as outras crianças correm para socorrê-la. Fora do corpo, o tecido é transformado, agora, em água, para recuperar sua vida. Assim, abre-se, também, nova vida à fabulação do grupo.



## Experiência da exposição

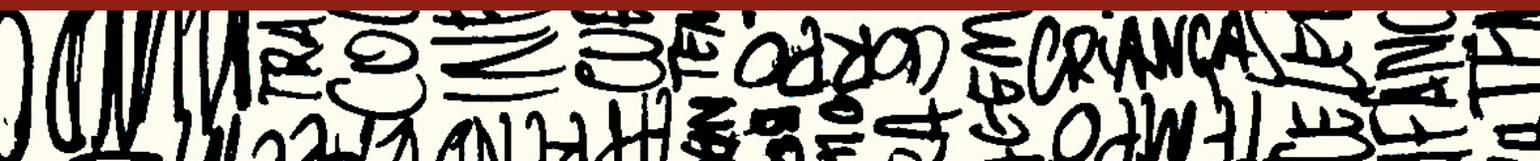




G4

## O DESEJO DE SE COMUNICAR

As criações  
de sistemas simbólicos  
de comunicação



Desde muito pequenas, as crianças desejam se comunicar por diferentes linguagens: fala, escrita, pintura, desenho, corpo, música, dentre outras. No Grupo 4, códigos, símbolos, letras e palavras chamam ainda mais atenção delas, que querem saber o que significam, e experimentam a invenção de registros, os quais lhes são próprios e singulares.

Assim, escolhemos problematizar os processos comunicativos em diferentes experiências.

As crianças estabeleceram relações entre vários elementos que conhecem do mundo e inventaram sistemas simbólicos de representações, acordados pelos grupos.

Investigar a criação nessa relação com o outro implicou o exercício de olhar para si e para outro na busca de uma ideia comum, em parceria, que tivesse uma estética e eficácia comunicativa.



# G4

## PROFESSORAS

Adriana Nana S. Patarra e Beatriz Cunha

## AUXILIAR DE GRUPO

Bete Santos

## ORIENTADORA

Lícia Breim

## ATELIERISTA

Marina Colhado

## Caixas autobiográficas

### *As coisas que falam pela gente. Maria*

Você já experimentou comunicar algo sobre si mesmo sem estar na presença de seu interlocutor? O que desejaria transmitir, e como?

As crianças do nosso grupo foram convidadas a fazerem essa experiência. Organizamos um contexto comum com a intenção de acionar memórias e afetos.

Elas selecionaram elementos e os compuseram em caixas de madeira, que assumiram a função de suporte para apresentação, na construção de um sistema simbólico singular. Ao escolherem algo de si mesmas para contarem, acionaram a memória, os afetos e/ou experimentaram se reconhecer em algo inaugural, se relacionando com algum elemento ou colega. Nesse exercício de comunicação, cada uma escolheu a melhor linguagem (fotográfica, escrita, vídeo, desenho etc.) e materialidade (aromas, folhas e flores, objetos coloridos etc.) que, na relação entre si, representasse, simbolicamente, a sua história, e quem ela é.

Na continuidade da investigação, o desejo de cada criança de ser reconhecida em sua caixa desafiou ainda mais seu pensamento para considerar o outro nesse processo. Elas interagiram com elementos da nossa cultura que sabiam ser eficientes meios de comunicação: a escrita convencional de seus nomes e as fotos (*selfies*).

Quando nos relacionamos com essas caixas, além de conhecermos um pouco mais sobre cada criança, temos a oportunidade de acessar, sensorialmente, o coletivo que compõe o nosso Grupo 4.



*Eu amo o mar, meu pai também ama o mar. O mar pode ser azul, minha cor preferida. O mar tem ondas; ele é macio. Vicente*  
Na relação com o contexto, Vicente selecionou a fita que expressava algo sobre si mesmo.



No processo de sua apresentação, a fita é ressignificada: ganha a função de signo, e na relação com os outros materiais, constitui o seu sistema simbólico, ao se apresentar.

## Experiência da exposição



### **Um olhar para a singularidade com a empatia do coletivo**

A partir de nossas percepções, a exposição das caixas possibilitou aos visitantes acessarem sensorialmente a singularidade que compõe um grupo. Tocar, cheirar, visualizar e escutar suas histórias convocou-os à aproximação, introspecção e intimidade com cada uma delas. Pareceu-nos que houve um despertar deles para as próprias sensações, lembranças, afetos e, talvez, um reconhecimento de si mesmo no outro.



# G4

## PROFESSORAS

Cintia N. Gomes e Flavia M. A. Marcomini

## AUXILIAR DE GRUPO

Ivani Sousa

## ORIENTADORA

Lícia Breim

## ATELIERISTA

Marina Colhado

## Os livros podem ser de vários jeitos Invenções para contar nossa história

**Maia:** *Que tal a gente fazer um livro com outras pessoas que a gente não conhece?*

**Flávia:** *Como assim?*

**Maia:** *Um livro do lobo! A gente vai fazer um livro desse tamanho, junto com as pessoas!*

**Helena:** *Sabia que num livro de verdade não dá pra entrar? Tem que fazer um livro enorme!*

**João:** *Pra fazer um livro assim, precisa de mágica; não dá pra fazer um buracão. Como a gente vai cortar?*

**Vicente:** *Acho que não cabe todo mundo!*

**Lia:** *Uma pessoa entra, outra sai.*

As crianças foram se aproximando da ideia de livro como um espaço de comunicação e como uma maneira de expressarem suas ideias e desejos. Imagens e narrativas foram inventadas a partir de sentimentos e afetos, e materializadas por desenho ou pela construção com diversos materiais. Assim, elas puderam explorar e integrar a potencialidade de diferentes linguagens, fazendo com que as imagens e narrativas passassem a compor o que chamaram de livro. Os elementos escolhidos para representar e comunicar cada parte dessa obra constituem um sistema simbólico. Por exemplo, para evidenciar a presença do lobo, as crianças acrescentaram um rabo, um cheiro fedorento e pegadas.

O livro vivenciado era grande no tamanho e também nos desafios. Uma construção, elaborada coletivamente, que envolveu escutar, se relacionar e confrontar a ideia do outro para pensar e criar, em grupo, imagens e narrativas que contivessem parte da experiência vivida pelas crianças.



## Experiência da exposição



### ***É um livro? Posso entrar na história?***

Tem uns barulhos de bicho aqui nessa selva!

A gente leu a história dos dois jeitos: de frente e de trás. São duas histórias diferentes.

Que legal! Nós estamos dentro da história! E tem um lobo aqui!

Que divertido!

Alguns relatos da experiência de ler, com o corpo todo, nosso livro gigante.

Ao aceitar o convite de entrar na brincadeira junto com as crianças, os leitores sugeriram um título para a história, apresentando suas interpretações do sistema simbólico de representação criado por elas.



# G4

## PROFESSORAS

Karina Crespo e Nina Scartezini

## AUXILIAR DE GRUPO

Rose da Silva

## ORIENTADORA

Lícia Breim

## ATELIERISTA

Marina Colhado

## Como fica seu corpo quando você sente medo?

Vamos retomar a ideia de Lia sobre sua “cavalinha”: quando a desenhou perto da planta carnívora, queria que ela estivesse sentindo medo. Vocês nos disseram que a “cavalinha” não parecia amedrontada. Deram algumas ideias: desenhar um rosto de medo ou escrever: ela está com medo! Lia pensou num outro jeito. Desenhou lágrimas na “cavalinha”.

Agora, com as lágrimas, o que parece que ela está sentindo?

Quando você está com medo, como fica seu corpo?

Quando alguém for olhar para o seu desenho, ele vai reconhecer a sensação de medo?

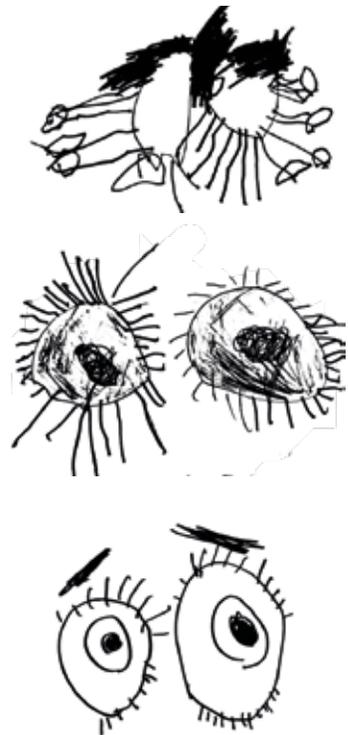
### **(Recorte da intervenção do professor)**

É intenso o desejo de comunicar, de tornar perceptível ao outro as representações imaginadas. E como seria representar o medo?

O desafio foi recebido pelas crianças com muito entusiasmo. Foi divertido imaginar-se com medo, perceber as mudanças no corpo e expressar esse sentimento graficamente.

A experiência trouxe problemáticas e desafios cognitivos e estéticos interessantes, como o refinamento e a ampliação de seus percursos gráficos. Além disso, apresentou a invenção de um sistema de representação comum, coerente e dotado de sentido que simbolizasse o medo. Descobrimos que a lágrima, por si só, não representa esse estado afetivo, mas, sim, todo o conjunto: olho, boca, corpo e o que provoca o medo.

Vimos o quanto os desenhos foram ganhando qualidade, e como foi prazeroso reconhecer seu próprio processo de aprendizagem, em contato com as ideias e os desenhos das outras crianças e linguagens — corpo e fotografia.



COMO FICA O SEU CORPO QUANDO VOCÊ SENTE MEDO?

## Experiência da exposição



### Como fica seu corpo quando você sente medo?

Bocas trêmulas e escancaradas, olhos arregalados e cerrados. Uma diversidade de representações gráficas instigaram os visitantes a imaginarem a sensação de medo e perceberem as mudanças em seu corpo. Crianças e adultos se revezavam nesse jogo. Os monstros e bichos assustadores davam o tom da brincadeira. Fotografar, rir e se assombrar com as expressões capturadas completou a experiência da nossa instalação, projetada, desde o início, para ser uma grande brincadeira.



# G4

## PROFESSORAS

Mildre D'Albuquerque e Priscila S. Cardozo

## AUXILIAR DE GRUPO

Rose da Silva

## ORIENTADORA

Lícia Breim

## ATELIERISTA

Marina Colhado

## Ensaio sobre o azul

Desde o começo do ano, a curiosidade das crianças na sua relação com as cores contribuiu para diferentes pesquisas com a linguagem pictórica. Ao vivermos essas experiências, acionamos memórias e sentimentos. Além disso, ressignificamos sentidos afetados pela emoção que a cor traz em sua força de expressão. O azul, como parte dessa investigação, ganhou novas qualidades e nomes no que concerne à percepção de cada tonalidade. David, quando pensa no azul, aciona sua memória afetiva, compartilhando: "O azul-piscina da casa do meu vô e da minha vô". Cada tom de azul, em sua forma expressiva e comunicativa, se difere por meio da luminosidade, matéria, consistência e tatilidade. O interesse das crianças pela qualidade dos tons azuis fez com que escolhessem uma tonalidade no lugar da outra, vivendo o processo estético como um lugar de empatia, que coloca em relação o sujeito com as coisas, e as coisas entre si.

Os matizes de azul descobertos e criados pelas crianças, em relação às especificidades dos suportes e materiais, geraram um processo de composição. A fim de possibilitar a leitura dos tons inventados, foram elaboradas diferentes estratégias para a comunicação de uma "receita". O conjunto desses elementos integrados constitui um sistema simbólico de representação.



## Experiência da exposição



### **Ideias, sensações, memórias e signos**

Quando nos relacionamos com a cor azul, atribuímos a ela todos os sentidos, como aptidões amplas e intercambiáveis, atuando de maneira inventiva na percepção do mundo.

Em nossa Exposição-Ateliê, a partir das múltiplas noções de sentido, foram vividas as potências, nuances e possibilidades de existência dos azuis.



# G4

## PROFESSORES

André Tato Gimenes e Adriana Nana S. Patarra

## AUXILIAR DE GRUPO

Bete Santos

## ORIENTADORA

Silvia Macul

## ATELIERISTA

Marina Colhado

# Não dá para ver o vento, mas dá para perceber

Desde o primeiro momento juntos, provocamos as crianças a se relacionarem de maneira investigativa com a linguagem gráfica. Diante dos desafios de desenharem os movimentos, elas inventaram sinais gráficos que, em composição, contavam sobre seus pensamentos. Assim, deram visibilidade a eles, além de comunicá-los aos outros.

O desenho foi se tornando uma linguagem de referência para as crianças que, frequentemente, recorriam aos traços a cada nova experiência vivida para organizarem, sistematizarem e continuarem pensando e aprendendo.

Com a janela aberta aos movimentos, o vento entrou sem pedir licença e passou a versar em nossos pensamentos. Mas como desenhar o vento? A tensão entre a gráfica e o movimento ganhou um novo desafio: desenhar algo que se movimenta, mas que não podemos ver.

Seguindo o pensamento das crianças, nos provocamos a perceber o vento para além da gráfica, acessando também outras linguagens (corporal, construção e musical), mas sempre retornando a ela. Isso gerou e apoiou novas hipóteses e teorias das crianças a respeito do vento, e sobre como grafá-lo.

Para a exposição, nos baseamos nas experiências de um contexto que reuniu a gráfica e o corpo. Convidamos a todos a experimentarem olhar para os sinais do vento presentes em cada uma das obras.



NÃO DÁ PARA VER O VENTO, MAS DÁ PARA PERCEBER

## Experiência da exposição



### **Não dá para ver o vento, mas dá para perceber**

Durante a exposição, além de entrarem em contato com algumas soluções gráficas criadas pelas crianças para representarem o vento, todos puderam experimentar um dos contextos vividos durante as investigações, desenhando o vento e dançando em meio a projeções dessas representações.



# G4

## PROFESSORES

Vanessa Almeida e Tchô Rodrigues

## AUXILIAR DE GRUPO

Ivani Sousa

## ORIENTADORA

Silvia Macul

## ATELIERISTA

Marina Colhado

# Linguagens como escrituras narrativas

As crianças combinaram diferentes materiais para criarem sistemas simbólicos de representação do corpo humano, por dentro e por fora.

Para tal, estabeleceram uma relação dialética entre seus corpos e os materiais utilizados (argila, papel, lápis, tinta). Um jogo se deu nesse fazer, no qual os corpos de cada uma delas, presentes nas cenas, colaboraram para a construção de saberes e possibilidades em relação à constituição do corpo humano.

A argila, com características próprias, foi usada para estruturar um boneco, em um jogo de combinações de similitudes com as partes do corpo.

*Eu acho que o palito vai ajudar a fazer o boneco. Antônia*

*O osso ajuda a deixar a gente em pé. Pedro Neuman*

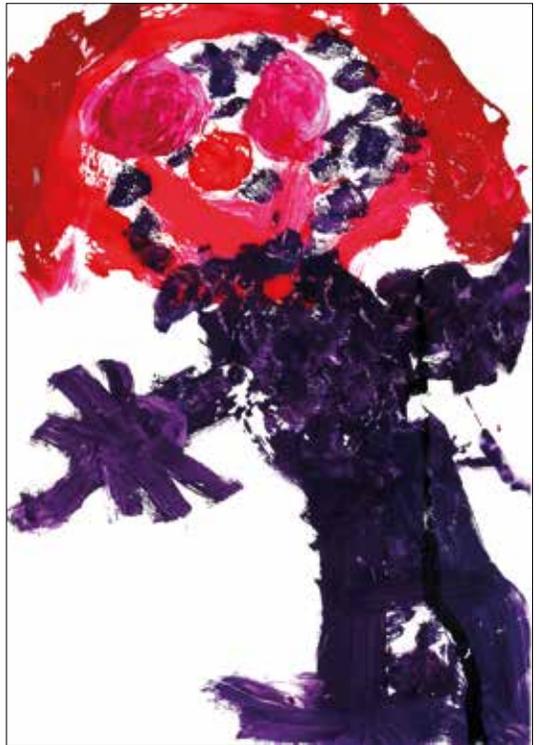
*Se não tivesse osso, a gente ia ser igual a uma gelatina, meio molenga. Antônia*

Nessas experiências, o palito esteve para o boneco assim como o osso está para o ser humano.

Para cada expressão artística de sua produção, as crianças precisaram de materiais próprios, que lhes permitiram pensar em aspectos do corpo humano.

A transparência, nessa experiência, foi usada como camada da pele: separa o lado de dentro e o lado de fora. A tinta, que se espalha e ocupa bastante espaço no papel, dá visibilidade para as teorias sobre o corpo visto exteriormente — pés, mãos, dedos, pernas e tronco. Já a caneta, que proporciona um traçado mais fino, possibilita representar as partes de dentro — o sangue, o “caminho do xixi e do cocô”, o osso e a carne.

Bel, nessa experiência, materializa um corpo por dentro e por fora, sob uma ótica singular. Compartilha sua ideia ao criar um sistema de representação (o corpo humano) para comunicar pensamentos, conexões e hipóteses.



## Plantas e suas representações

As crianças combinaram diferentes materiais e linguagens (escrita, desenho, pintura e argila) para criarem sistemas simbólicos de representação das plantas presentes na Escola. Elas partiram da observação de seus formatos, cores e características. Além disso, se basearam em vegetações inventadas por elas.

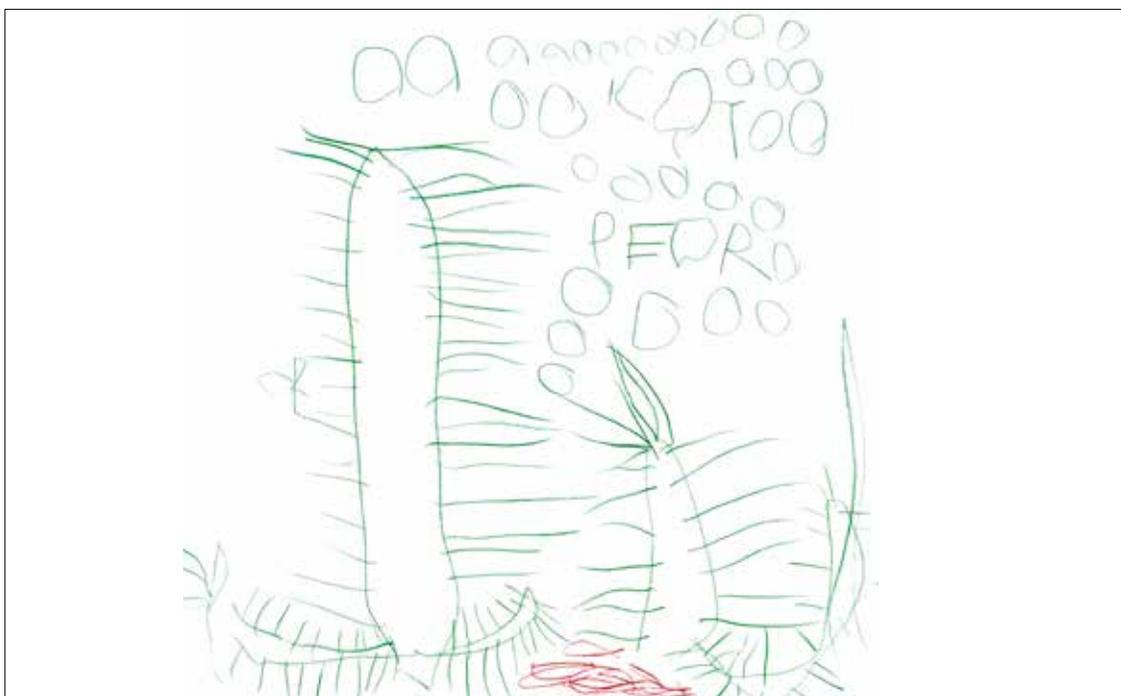
Durante a investigação, enquanto se aproximavam das plantas, criavam diferentes hipóteses, que eram compartilhadas no grupo. Estas eram, então, refutadas, reorganizadas, modificadas ou fortalecidas na relação com o pensamento do outro, construindo saberes na experiência.

Nesse processo, as materialidades presentes, com suas funções expressivas singulares — próprias de suas características —, foram fundamentais para o estudo, permitindo diferentes modos de entrada na investigação. As crianças se aventuraram em darem novos nomes para as plantas e ressignificá-las, atribuindo a elas outros sentidos, formatos, cores, cheiros e texturas a partir dos materiais usados. Para comunicarem suas ideias, além de usarem desenhos, pinturas e argilas, se aproximaram dos códigos alfabéticos, por causa de sua força comunicativa. Experimentaram a escrita ao criarem suas hipóteses linguísticas.

Essas composições — invenção de nomes, colagens, pinturas e esculturas — formaram sistemas simbólicos de representação.



Planta feita por Luisa Forte em aquarela



Planta feita por Pedro Freddo, com lápis de cor

## Experiência da exposição



### Fragmentos de mim e do mundo

Convidadas a criarem, as crianças e suas famílias brincaram com fragmentos das nossas investigações, exibidos na exposição. A partir de sobreposições, corpos humanos tornavam-se mais complexos: pernas, esqueletos, sangue, órgãos e até mesmo bebês na barriga. Já as plantas germinavam e floresciam em composições que uniam diferentes elementos à imaginação. A cada encontro, os desenhos e as pinturas eram ressignificados e revelavam como esse percurso poderia seguir novos caminhos.

quando dobra, e parte moio quando estica. Julieta

Nessas experiências, o palito esteve para o boneco tal como o osso está para o ser humano.

Usar o palito e a argila para sustentar um corpo em pé foi muito importante para as crianças, uma vez que isso passa a fazer parte de um conjunto dinâmico de relações entre conhecimentos de seus corpos, de seus mundos imaginários e de seus desejos de fazer corpos comunicáveis a todos.





PROJETO GRÁFICO **Juliana** Lopes **Kiki** Millan

IMAGEM DA CAPA **Joaquim** de Almeida

REVISÃO **Iara** Arakaki **Laís** Alcântara

São Paulo, 2020





VERACRUZ